

A LAGRIMA

QUINZENARIO ILLUSTRADO

CAMPO E PRAIA

Pleno estio! O sol dardando raios de fogo perla-nos o rosto de camarinhas de suor; o pó, enrolando-se em nuvens pela athmosphera quasi nos asphixia; e enquanto aqui ha um silencio pesado como chumbo, ao longe, no campo, onde principiam a amarellecer os milharacs e a roixear os cachos, ouve-se os alegres descantes das camponezas, pondo um tom alegre e ruidoso na vida cheia d'encantos do lavrador, e despertando-nos tentações de deixar este viver de povoado, em que, de envolta com os mais bellos sentimentos, somos tñados como torresmos, nos impelle, ou para o campo, a gosar da freseura das arvores, ou para a praia, a deleitar-nos com a aragem da beira-mar.

Felizes dos que o podem fazer! Que saudades eu tenho dos meus tempos de creança, quando, descuídoso, via esse labutar continuo da vida aldeã, d'essa vida em que o sorriso do triumpho afflora nos labios do agricultor, vendo realisadas as suas mais bellas esperanças e satisfeitos os seus mais ardentes votos. E' que a vida no campo é a vida essencialmente da alma: ali ha a poesia natural, a belleza sem atavios, a harmonia sem desacordes, a esperanza sem receios, a creença sem hypocrisia, a amizade sem egoismo, o amor sem odio, n'uma palavra, a vida campestre é quasi a vida edenica, que nos approxima mais de Deus, fazendo-nos esquecer as mal-sinções dos homens.

No campo vemos saudosamente, agora, desfolhareu-se as flores; mas, alegremente, vemos tambem encherem-se os colleiros; e se as primeiras nos despertam a poesia melancolica de tudo que morre, os segundos obrigam-nos a voltar os olhos ao ceu, desferindo ao mesmo tempo um hymno de agradecimento a Deus, que tudo governa e a tudo providencia. E' a eterna lei das compensações, mas sempre agradavel, sempre alacritante, sempre benefica, sempre sorridente. Felizes dos que vivem no campo!

E as praias? que d'encantos, que de distrações, que de gozos?! Não será uma vida muito mais ruidosa, mais alegre, mais suggestionante, mais do *hyg-liph*? São perguntas que naturalmente hão de fazer as gentis leitoras.

Permittam-me que lhes responda negativamente; mas sem offensa e sem desejos de melindral-as; eu respeito as opiniões alheias, mas de-sejo tambem respeitadas as minhas.

Bem sei que v. ex.^{as}, amabilissimas leitoras, me adjectivarão com pouca caridade, mas, que fazer-lhes? eu sou muito franco, e, porque nasci quasi á beira-mar e á beira-mar fui educado, parece-me que tenho o direito e mesmo a obrigação de dizer alguma coisa da vida das praias.

Conheço que é caminhar ao repello dos desejos quasi geraes, mas o que seria a vida se não houvesse antitheses? Uma monotonia sensaborica, uma paisagem sem verdura, um quadro sem sombras, uma viagem sem accidentes.

E' necessario que haja opposição para haver triumpho, sombra para sobressair a luz, contradicção para resaltar a verdade.

Pois supponham v. ex.^{as} que a minha chronica é a opposição, a sombra e a contradicção, ao passo que hão de empregar todos os esforços para me dar um formal desmentido, que eu humilde e contritamente acccito, logo que esteja convencido. Por enquanto não tenho essa convicção e não a tenho pelos motivos, que passo a expôr.

O que é a vida das praias?

Eis uma interrogação a que não se pode responder muito laconicamente, porque é essencialmente complexa. Hoje não o devo fazer porque não ha espaço; fica para a chronica seguinte. Até lá.

1—8—95.

M. ARIO.

INTERLUNIO

Um poeta exertado em talento, archi-conhecido do *foie-gras* de Barcellos, para observar a nevrose que rutilava no cerebro a benção para a sua amada, começou a bater com a phalange do edeal á porta do cerebro. Tendo a illusão d'accordo com a consciencia, veio um malicioso de raça atravessada, e em energia suggestiva, encalhou-lhe no corpo quente da inspiração uma imagem peçonhenta a babar billis, a titulo de compostura.

Aquella amabilidade do seu amigo espetou-o, meu senhor!...

*

Só uma creança—porque tem olhar, porque tem imaginação—pode differençar o seu rosto d'um raminho de flores.

Impoem-se como se o seu nascimento fosse annunciado por salva real. Tolerar o mundo como corteção, que ajoelha a seus pés.

A LAGRIMA

Pallida, entre cambraias, sob um veu rendado—cabellos fulvos—olhar ferido a golpes de tristeza—e a alma ensanguentada.

Uma saudade—espinho que se cravou na carne fervente do seu espirito—abaixou a temperatura da sua mocidade, e a luz da sua formosura. Chromatisar a juventude com topicos de dores?!

Aquella saudade foi como um vento destruidor, que varreu do seu ser todas as illusões, que vicejavam como as unicas flores do seu temperamento novo, tão novo que ainda manava.

Dizem que já não tem coração.

Foi incendiado e destruido por um olhar. Teve muitos inquilinos

*

O Costa—não conhece?... aquelle que ninguém conhece— estava ha dias em casa queixando-se que tem engordado tanto que o fato não lhe serve já.

Lave-se com agua e cinsa e voltará ao estado normal.

LODO D'ALVA.

NOTAS DA QUINZENA

Quinzena de festas e rematada hoje com festas. Por toda a parte estruge o estralar de foguetes e por toda a parte é o som harmonico das muzicas a caracterizar a alegria dos espiritos.

Aqui e alli a variegada cõr de bandeiras! a contrastar com a verdeura dos campos. Rapiques de sinos a cantarem a alleluias, canticos pastõris a espalharem vibrações de bem estar, alliadas á verdadeira fé das almas crentes.

Ainda bem que o espirito religioso não esmorece diante dos desvairamentos da desrenga, que está cavando o sepulchro á patria agonizante.

Assim temos hoje festas—na Barca do Lago, Villar, Chorente e Roriz.

As que mais se salientam pelo esplendor do culto e pelo aprazivel do local são as da Barca do Lago e a de Roriz.

A esta lá vamos nós obediendo ao impulso do coração agradecido, attrahidos pela amizade do nosso bom amigo, collega de relação, abbade Antonio Paes.

Lá iremos cair-lhe nos braços sempre abertos para receber a todos com essa franqueza captivante, que é o traço mais distincto da sua figura attrahente.

Perdemos sempre o tempo quando desaproveitamos a occasião de tão boa convivencia.

Sentem-se fugir as horas a ouvir-o e apreciar-o.

Na sua conversa sempre fecunda, hilariante e instructiva, ha tolas as notas que preenchem o espirito e o coração n'uma harmonia suave.—Illustra e deleita.

Na espontaneidade do dizer está tola a sua al-

ma, sem atavios convencionaes, sem as armadilhas da hypocrisia, que são o bem viver da sociedade moderna.—E' todo sinceridade.

O seu espirito levanta-se até ás mais delicadas subtilezas do pensamento. O seu coração distende-se até aos ultimos esforços da delicação.—E' illustrado e amigo como poucos.

E' rapaz com os rapazes e velho com os velhos. Faz-se tudo para todos e util e agradavel a todos. Ser assim não é facil, é só proprio das almas grandes.

Nunca lhe conhecemos o mau humor, está sempre alegre, é um feliz. São assim os espiritos bem formados.

Em volta da sua cadeira parochial não se abrigam desconsiderações nem malquerenças. O respeito é a aureola do seu nome e o amor o preito ás suas virtudes. Todos o respeitam e todos o amam.

E' porque o respeito e o amor são a homenagem devida á suprema magestade da terra, á synthese bendita do talento e da virtude.

O BAPTISTA DO «SARILHO»:

Nunca deviamos ter descido, envolvilos na nossa blusa de trabalho, a communicar relações com o sr. Baptista do «Sarilho».

Alguem nos fez ver que, a «Lagrima»,—a que o *jornaleiro* bracarense chama «jornal *lit'erario*»,—tem *confido* nas suas columnas desde a prosa allorada de Alves Mendes até á poesia bucolica de Antonio Feijó; desde os versos decalentes de Julio Brandão até aos romanticos de Alberto Pimentel.

Mas achamos deshumano deixar ficar estatelado no monturo sem reparo amigo o *jornaleiro* bracareo, que entrou na imprensa não a engatinhar como era dever de um principiante, mas aos tranhulhões como um estouvado, que tem a petulancia de se querer grimpar ás eminencias cathedraescaes do criticismo de Silva Pinto . . .

Mas que differença! . . . enquanto que um tem a patente fina do criterio, que lhe resvala suavemente da sua mente verdaieira n'uma apocaliptica, o outro, que tem as circumvalações cerebraes eutupidas com pontas de cigarro, tem unicamente os deslombamentos d'um *doente*.

Enquanto que um retalha sabiamente os factos irrisorios, que se lhe antolham, com a paciencia de um benedictino e perseverança d'um martyr, expozendo-os ritencionalmente á provocação do riso franco, o outro encara-os vesganamente e rebola-os á publicida de insoneamente com uns tons de regateira, que desabrocha e expelle em momentos de biliosismo deseducado as frases *acielladas*, impellindo ao somno.

Os jornais de espirito, como *devia ser* o «Sarilho»; precisam de muita massa encephalica. . . O spi-

ALAGRIMA

rito com que se deve colorir as saliencias irrisórias do *meio*, não é feito com acido sulphydrico.

A cabeça e o coração devem jogar sempre como o fiel d'uma balança.

Facil é, porém, desfreiar a prosa pelos atoleiros dos caminhos invios da malelicencia porca.

Mas difficil é serenisa-la sobre os rails de bom senso, em que o vapor do espirito saia espontanea e torrenzialmente a prolarizar effeitos optimos.

O Baptista, do «Sarifho» tem sido, unicamente, a carroça litteraria, destravada e sem guia, a correr pelas encruzilhadas do bacchanalismo.

Como adversario tem-nos explorado a humidade de posicao chamando-nos ironicamente—typographo.

Ahi temos o espirito a escorrer sangue...

Não temos culpa em ser typographo, assim como seu honesto pae não tem culpa em ser armador.

Não nos sentamos nos bancos do lyceu; mas isso não nos deshonra, porque Gifford, que foi redactor em chefe da «Quarterly Review», teve por escola a lojinha de sapateiro, Hugh Miller, o geologo, não consta que sahisse alguma vez da sua padreira de Cromarty. Beranger, «ão» celebre pelas suas inimicaveis canções, fizera os seus estudos n'uma typographia. Michélet de nonstrou, quando typographo, o seu genio. Entre nós salienta-se Bellemonio, que era compositor do seu jornal o «Aranto», que foi no dizer d'um dos nossos primeiros homens de letras, o melhor jornal d'espirito que teve todo o paiz.

Não temos magna em ser typographo, porque temos «no cen da arte» estrellas fulgurantissimas, nascidas nas camadas infimas da sociedade.

Preferimos ser artista e termos honra de apertar a mão á gente mais illustrada da villa, a ser estudante chronico... sem importancia.

Em Braga, na Arcada, respondem-lhe assim aos seus escriptos.



Era diante d'este que o bom El. Barros Lobo diria: O homem é intelligente? E' simplesmente um parvo.

O cabo Cabeçalho—desformado d'ideias e de carnes—a que ji nos referimos, e que foi praça ha dois annos no 2.º batalhão do 20, foi sempre alvo de troça da soldadesca, por dar muita *sorte*.

Um dia um corneta saiu-lhe com esta *bôla*:

—«Um *gaço* que anda *azeitar* com uma *froga* sem que ella lhe ligue importancia... Se elle for porco que ronque...»

O cabo deu logo, como se esperava, signal de si, para gaudio da tropa.

Um soldado:

—«Sempre és um sujeito babão de todo.»

Elle repontando:

—«Tu olha lá a quem chamas *sujeito*. Cuidas que sou da tua *ugalha*. Pouco me custa ir queixar-me ao nosso capitão.»

Quasi sempre a sua furia se abrandava diante do seu rancho e das sobras do dos outros...

O nosso Manta, que tom o dom da piada fina e da boa laracha; saía, em uma *bella noite*, de uma casa de batota, na rua Direita, depois de ter dormitado sobre o tumulo do ultimo real, que se lhe havia sumido pelas fauces terriveis da inelmente banca; chovia á potes e o pandego, de mãos nos bolsos, caminhava taciturno meio da rua acima, coando pelo fato acigarrado toda a chuva, que lhe descia a cantaros pelo dorso.

—«Foge para aqui», diz-lhe um companheiro que com elle seguia, cingido ás casas.

—«Deixa castigar este corpo que vae sem *dez reis*», respondeu pacificamente o *ponto* á liza.

Bôa desforra!..

*Valentes da minha terra
Fechai-vos todos em casa,
Que o menor escamadote
Jura que todos arrasa.*

*Tremei de susto, fugi
Das fúrias d'este rapaz,
Que é mais forte e p'ra temer
Que o Gigante Farrabraz.*

*Oh menor, oh menorzinho,
Poupa-nos a cara vida.
... Não queiras provar, não queiras,
A nossa moza querida!...*

Dizia, na administração do concelho, um lavrador:

—«As bideiras que lubaram sulfato por causa do camillio, estão muito meliores.»

A ignorancia é que é o verdaheiro *midio* que precisa do *sulfato* da instrução...

A LÁGRIMA

Fallava um sujeito, n'um grupo abancado a uma meza do Paulo, sobre a inferioridade do café que estava tomando.

O João Machado em ares de bacharel, repon-
ta:

—«Está enganado, é esta a casa em Barcel-
los onde elle se fabrica melhor. Notem que eu
sou um apreciador d'esta bebida, e basta dizer
que ella me *inspira*.»

Inspiração de café cevada ou de Moka...

E' forte.

Arrancamos duma arvore, do Campo da Feira,
este manuscripto, que offerecemos ao sr. Antonio
Paes de Faria, como apreciador deste genero de
ortographia:

A Noncio ão pabelco

*Que nu dia 15 du mez de agosto que se rialisa
um Grande romagem e festividade no mosteiro da
sinhora da consellação i da sinhora da Boua
morte do istremo de villa secca, i Furnellos da
mesma freguezia terá vanda de muzica será mun-
to animada imunto concurida essa fonsão*

*Grande numero de allemenação Grande quantia
de Fogo bom arreal i vom línho superior, todos
hus Festeiros Fas ver este annuissio perevindo
todos os ezultos que agradeesse não se fazer, terá
no dia uma persisão munto animada com Grande
quantia de anjos i mais Figurados.*

Um Fin só avista se verá vem o que hé.

No hotel do nosso amigo Correia houve, n'u-
ma d'estas semanas, um jantar intimo entre ra-
pazes da nossa fina sociedade.

1.º acto.

Meza redonda.

Copos enfarpellados de guardanapos, em ca-
prichosos feitios, ostentavam-se vaidosos.

Luziam os talheres.

Salientavam-se as iguarias.

Um cheiro agradável escapava-se dos piteus.

2.º acto.

Dá-se principio á refeição.

Chovein ditos de sabôres apimentados, que vão
num crescente até que o *champagne* faz desa-
brochar os brindes.

3.º acto.

Um rapaz da *troupe* levanta-se e surrateira-
mente vai fumar.

O fumo transtorna-lhe o tubo digestivo e...
deita carga ás ceroulas em vez de deitar carga
ao mar...

4.º acto.

Foi-se encadernar num fato novo para entrar
novamente na sala do jantar...

Ha inconveniencias intestinaes, que são uma
verdadeira *galinha*, cortante como um *machado*...

Em Barcelinhos, na rua Direita

Luiz da Silva, *homem rico*
É filho de gente honrada,
Burrifava um mangerico
Que n'um vaso (n'um penico)
Lhe floria na sacada.

Pingava a agua na rua;
Um seu irmão que passava,
Ao vêr que a agua pingava
Como enorme *catapulta*,
Disse ao irmão que corrêsse
Logo á villa, á *mistração*,
Pagar multa... e Luiz João
Foi logo pagar a multa.

Deixou ficar tudo múdo
Aquella loucura estranha.
Ao vêr honradez tamanha,
Meninos, benzeu-se tudo...

O' Luiz João da Silva, homem honrado,

Tu deves de possuir um mealheiro

Bem cheio, bem pesado.

Eu se tivera um cofre recheiado

De dinheiro,

Havia calcar todas as leis,

Havia de me rir do mundo inteiro

E sem pagar dez reis.

NOTICIAS DIVERSAS

Teem feito uso de banhos no rio Cavado, com
muito aproveitamento, os sr. João Candido e Zé
da Botica.

—O sr. Manoel Luiz da Silva Faleão que já foi
tomado como padre, em Vianna do Castello, por
um importante vulto politico, que o elogiou como
sacerdote, resolveu não ir brevemente a Lisboa,
com receio de ser mutilado pelos anti-jesuitas.

—Attingiu a maior idade o sr. Bento José Mo-
reira.

—Está *entre nós* o nosso amigo Antonio Leite.

—Em Salvador do Campo cabiu *de cima de*
uma arvore abaixo Jacintho Gonçalves.
Antes isso do que ficar maltratado.

—E' melhor usar o cabelo comprido assim co-
mo o João Freitas, do que rapado á navalha de
barba como o usa o Amaro José dos Santos Ter-
roso.